

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA

CONSIDERATIONS ABOUT TEACHING WORK DURING THE PANDEMIC

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.050-078>

Diego Emanuel Veis Bentancourt

Mestre

UFSM

E-mail: prof.diegoweis@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2440741954193308>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1075-2308>

Maria Eliza Rosa Gama

Doutora

UFSM

E-mail: melizagama@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3265100694974444>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8789-5868>

RESUMO

O presente artigo analisa as interferências da pandemia de Covid-19 no trabalho docente e em seu bem-estar, com foco em professores da educação básica de escolas públicas. A pandemia, iniciada em 2020, provocou profundas mudanças nas formas de organização do trabalho educacional, especialmente em decorrência do fechamento das escolas e da implementação do ensino remoto emergencial. Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico e documental, orientado pela análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A coleta de dados foi realizada na base *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a partir de descritores relacionados ao bem-estar docente, trabalho docente e pandemia. Considerando os anos de 2020 e 2022 e a realidade da educação básica, foram selecionados oito artigos científicos para análise. A partir da leitura e sistematização do material, foram construídas quatro categorias analíticas: precarização do trabalho docente, reinvenção docente, intensificação do trabalho docente na pandemia e despreparo formativo para o trabalho remoto.

Palavras-chave: Trabalho docente; Pandemia; Ensino remoto; Bem-estar docente; Educação básica.

ABSTRACT

This article analyzes the impacts of the COVID-19 pandemic on teaching work and teachers' well-being, focusing on public basic education teachers. The pandemic, which began in 2020, caused profound changes in the organization of educational work, particularly due to school closures and the implementation of

emergency remote teaching. Methodologically, this is a bibliographic and documentary study guided by the content analysis approach proposed by Bardin (1977). Data collection was carried out using the Scientific Electronic Library Online (SciELO) database, based on descriptors related to teacher well-being, teaching work, and the pandemic. Considering the years 2020 to 2022 and the context of basic education, eight scientific articles were selected for analysis. From the reading and systematization of the material, four analytical categories were constructed: precarization of teaching work, teacher reinvention, intensification of teaching work during the pandemic, and lack of training for remote work.

Keywords: Teaching work; Pandemic; Remote teaching; Teacher well-being; Basic education.

1 INTRODUÇÃO

Para começar a entender sobre o trabalho docente na pandemia iniciamos fazendo uma breve revisão de literatura sobre as incidências de fatores que interferem no bem-estar docente em relação ao seu trabalho durante a pandemia de Covid-19, em escolas públicas de educação básica. O mundo foi interpelado pela pandemia de Covid-19, que teve seu primeiro registro em fevereiro de 2020 no Brasil. A reconfiguração brusca das estruturas sociais que este cenário impôs, trouxe novas formas de organização em todas as esferas de trabalho. Para os docentes foram expressivas essas mudanças, as quais complexificaram ainda mais as condições de trabalho, colaborando para o mal-estar desses profissionais que há algum tempo já sofriam com variadas formas de precarização de seus afazeres.

A necessidade de realizar levantamento sobre algumas pesquisas já realizadas até o momento com foco nas interferências sobre o bem-estar dos professores durante a pandemia, pois como sabemos as escolas durante este período precisaram fechar suas salas, em cumprimento aos protocolos de saúde expedidos pelos órgãos competentes, no entanto, não puderam abrir mão de sua responsabilidade formativa, ou seja, precisaram criar novas formas para dar prosseguimento aos processos de ensino dos alunos de todas as etapas de educação.

Este trabalho parte da análise documental inspirada por Bardin (1977), com a “indexação” dos dados e entrecruzamento crítico entre os dados selecionados por meio de critérios postulados a partir de perguntas que servem como “entradas” para “ventilação” dos dados e criação de categorias entre os eles com caráter análogo. Objetiva analisar os dados acerca das interferências sobre o bem-estar docente durante o período pandêmico, para realização das atividades pedagógicas e da própria vida destes profissionais.

Para dar seguimento às atividades didático-pedagógicas foi necessário organizar novas estratégias pedagógicas para as atividades docentes serem realizadas. Essas novas formas de organização e desenvolvimento do trabalho dos professores trouxeram implicações nas condições de trabalho e consequentemente no seu bem-estar.

Os apontamentos até aqui podem destacar de antemão fatores como: (a) a transposição das situações de ensino na nova realidade (virtual-remota), ainda com caráter de reprodução dos fazeres didático-metodológicos das salas de aula típicas; (b) despreparo formativo; (c) o fazer profissional dos docentes foi atravessado em muitas esferas, que expressivamente transformaram entre outros aspectos a caracterização enquanto sua figura profissional, dividindo lugar com suas atividades particulares, por exemplo.

O trabalho docente carrega em si diferentes termos, muitas vezes aproximados em sinônimos, podem trazer de certa forma uma redução das múltiplas práticas que os professores desempenham, sejam elas, nas multifunções que exercem à medida que elas são sumamente dependentes de conhecimentos técnicos como o trabalho nas Secretarias de Educação, para a viabilização do labor na sala de aula, por exemplo Gama (2015, p. 61), destaca o reducionismo das dimensões do trabalho docente a partir dos termos que o caracterizam em relação às ações que compõem o trabalho docente.

Se adotarmos como sinônimos 'trabalho docente' e 'prática docente' acabamos reduzindo o primeiro às atividades referentes ao ensino e à aprendizagem, excluindo as outras dimensões que não se efetivam nas práticas pedagógicas, mas em outras tarefas, atividades e ações que compõem o trabalho escolar e os sistemas de ensino de uma maneira geral. (Gama, 2015, p. 61).

A autora destaca as duas principais atividades que caracterizam de maneira superficial o trabalho dos professores, justificando a falta de reflexão, ou mesmo, a despreocupação sobre “tempos, espaços e recursos para atividades distintas dessas duas”.

Quando levamos em conta a caracterização do trabalho docente tendo em vista de toda a carga horária e procedimental, tanto no planejamento quanto na própria prática em sala de aula, claramente se nota a necessidade de prever estes aspectos que fazem parte do trabalho dos professores, Gama destaca:

Se acreditarmos que o trabalho docente se limita a dar aula é aceitável que a carga horária de trabalho fique distribuída em horas para planejamento e horas em sala de aula, sem que se pense na necessidade de prever tempos, espaços e recursos para atividades distintas dessas duas. (Gama, 2015, p. 62).

Corroborando com a despreocupação e reducionismo do trabalho docente em concordância com a proletarização destes sujeitos Oliveira (2006, p. 34), destaca o “processo de aproximação desta categoria profissional em relação à chamada classe proletária”. Podemos citar a partir da colaboração dela o que este distanciamento da profissionalização significa:

[...] a perda do controle sobre os meios de produção, sobre a finalidade e sobre o processo do trabalho (...) processos de desqualificação, empobrecimento por baixos salários e venda indiscriminada da força de trabalho (...). Também a forma de organização do trabalho escolar, com a divisão do trabalho representada pela atuação dos especialistas e pela diferença de valorização entre o planejar e o executar, levou à diminuição do controle dos docentes sobre o processo pedagógico, incluindo a seleção dos conteúdos e das metodologias. (Oliveira, 2006, p. 34).

O estado pandêmico no Brasil, desde o início do ano de 2020, obrigou a adoção de medidas sanitárias para controle de uma nova doença de forma inédita e suas interferências se estendem para além dos anos que a seguem, inclusive até os dias atuais e posteriores. O fechamento das escolas não significou a interrupção das atividades, que por meio das tecnologias de comunicação e informação se converteu em trabalho remoto. Nóvoa (2022, p. 25), ressalta estas transformações:

No início de 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia da COVID-19. De repente, o que era tido como impossível, transformou-se em poucos dias: diferentes espaços de aprendizagem, sobretudo em casa; diferentes horários de estudo e de trabalho; diferentes métodos pedagógicos, sobretudo através de ensino remoto; diferentes procedimentos de avaliação, etc. A necessidade impôs-se à inércia, ainda que com soluções frágeis e precárias.

Em relação a fragilidade das respostas adotadas durante a pandemia, temos a colaboração de Oliveira e Pochmann (2020, p.174) no que diz respeito aos recursos para a execução do trabalho remoto:

Diversas dificuldades foram enfrentadas pelos trabalhadores (...) para realizar uma adaptação rápida, visto não contar, muitas vezes, com computadores, notebooks ou tablets, além da qualidade de conexão à internet e qualificação para o seu exercício do trabalho remoto.

As reorganizações feitas a partir do ano de 2020, foram intensas e necessárias para manter o funcionamento das instituições escolares. Alguns fatores sobre a intensificação deste trabalho foram trazidos à tona de forma mais evidente, outras formas de trabalho pouco adotadas até o momento foram conduzidas pelos docentes que sentiram de forma mais evidente interferências em seu bem-estar no trabalho. Houve então uma mudança evidente sobre os processos educacionais,

Em poucos dias foi possível alterar o que muitos consideravam ser impossível mudar: desde logo, o espaço das aprendizagens, da sala de aula para casa, com todas as consequências na vida familiar e social; depois, a organização do trabalho, da lição para o estudo através de trabalhos propostos pelos professores, realizados num *continuum* diário e não no tradicional horário escolar; finalmente, as modalidades de trabalho docente que se alteraram profundamente, com recurso a várias atividades, sobretudo através de dispositivos digitais. (Nóvoa, 2022, p. 29).

As intensificações que os professores sofreram no trabalho passam pelo tempo e espaço que os docentes ocuparam no período pandêmico. A reorganização dos espaços de trabalho. Isso se deu em função da relocação que aconteceu a partir dos protocolos de saúde que indicavam como método de enfrentamento para a Covid-19, o isolamento social, chamado de quarentena. “Como resultado de uma nova organização do trabalho localizada nos ambientes residenciais, as rotinas pessoais e profissionais dos trabalhadores e trabalhadoras da área de ensino foram também afetadas.” (Calderari, Vianna, Meneghetti, 2022, p. 503).

Existem outros fatores em que podemos identificar sobre as intensificações no labor docente, neste período, quanto a reorganização do próprio trabalho pedagógico em meio a transposição: do presencial

para o remoto, de maneira abrupta, por vezes sem haver tempo necessário de reflexão sobre as melhores adaptações. O trabalho durante a pandemia foi de maneira geral realizado entre tensões que versavam sobre a necessidade de sobrevivência e as reinvenções impostas pelas novas organizações sociais não só no trabalho, porque atravessavam a vida dos sujeitos.

Incidem sobre o trabalho docente durante a pandemia: questões psicológicas; instabilidade profissional; a incerteza sobre a eficácia de seus empreendimentos metodológicos e processuais quanto a ensinagem e aprendizagem dos alunos; se nota ainda a descaracterização profissional dos docentes pela sociedade que não vê mais no professor como figura única (central) responsável pela garantia da educação formal, senão como um transmissor assíncrono, ou até mesmo, em alguns casos síncrono de informações.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa foi realizada a partir do tema “bem-estar docente na pandemia”, em agosto de 2022, foi realizada uma busca no Portal *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Para a escolha desta biblioteca virtual levamos em consideração a sua abrangência na comunidade acadêmica, ainda mais na área da Educação.

Destacamos a seleção dos trabalhos orientada pelos critérios elencados a seguir:

Os descritores utilizados para a busca foram: (A) bem estar/bem-estar docente na pandemia (9 artigos); (B) mal estar/mal-estar docente e pandemia (1 artigo); (C) Trabalho docente na pandemia (15 artigos); (D) Condições docente e pandemia (12 artigos); (E) Adoecimento docente (15 artigos) e (F) Condições do trabalho docente na pandemia. A seleção inicial dos textos levou em consideração o período vigente da pandemia no Brasil, que iniciou no começo do ano de 2020, na primeira busca encontramos 52 artigos, sendo 44 deles com recorte temporal anterior ao requerido, ou mesmo, tratavam de temas no âmbito do ensino superior, Saúde, além de que alguns tratavam da realidade de outros países.

Seguimos um recorte temporal que acompanha as produções sobre as interferências no bem-estar docente acerca do cenário global da pandemia dos anos 2020, 2021 e 2022, recorte temporal imposto pelo fato da produção sobre a temática ser ainda emergente no meio científico. Desta maneira, encontramos 8 artigos que compõem este estudo bibliográfico que prioriza caracterizar o que há de interferências ocorridas no período pandêmico sobre o bem-estar durante a pandemia na profissão docente da educação básica.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA

Quadro 1. textos selecionados para análise.

TEMAS	AUTORES/ANO	REVISTAS
1. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19	PINHO, et al, 2021	Trabalho, educação e Saúde
2. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19	TROITINHO, et al., 2021	Trabalho, educação e Saúde
3. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob Indústria 4.0	PREVITALI; FAGIANI, 2022	Ver. Katálysis
4. A escola entre os embates na pandemia	BARRETO, 2021	Educação & Sociedade
5. Comunidade ampliada de pesquisa em ambiente virtual (CAP on-line) sobre trabalho e saúde docente	SANTOS, et al., 2022	Saúde em Debate
6. Diários de professores (as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde	SOUZA; et al., 2022	Interface- Comunicação, Saúde Educação
7. Pandemia de Covid-19: insatisfação com o trabalho entre professores (as) do estado de Minas Gerais, Brasil	SILVA; et al., 2021	Ciência & Saúde Coletiva
8. O mal-estar docente nas discussões sobre nutrição: falas de professores da educação básica em fóruns virtuais.	MARTINS; SALVADOR; LUZ, 2020	Trabalho, Educação e Saúde

Fonte: os autores (2022).

Consideremos a análise documental tratada por Bardin (1977, p. 45) “como uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência” que tem como “propósito o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo).” (Bardin, 1977, p. 45-46).

Escolhemos para delinear a pesquisa a indexação (organização em forma de índice) que é “regulada segundo uma escolha (de termos ou ideias) adaptada ao sistema e ao objetivo da documentação em causa” (Bardin, 1977, p. 46). Pois “[...] permite, por classificação em palavras-chaves, descritores ou índices, classificar os elementos de informação dos documentos, de maneira muito restrita.” (Bardin, 1977, p. 46).

A organização das etapas que são descritas a seguir, foi criada a priori como elemento capaz de nortear as ações previstas e garantir a organização metodológica da pesquisa.

1. Leitura dos resumos das obras;
2. Leitura completa dos textos;
3. Elaboração das categorias;
4. Agrupamento dos excertos dos textos;
5. Entrecruzamento dos excertos agrupados (análise das obras por agrupamento).

Após feita a seleção das obras a partir de seus títulos, ano de publicação e atuação dos sujeitos da pesquisa (escola pública), realizamos (1) a leitura dos resumos das obras, o que possibilitou o aprofundamento sobre os seus objetivos e sobre seus contextos, evidenciando o alinhamento aos critérios escolhidos para a análise. A partir da (2) leitura completa dos textos, caracterizada como exploratória, pudemos nos aproximar das análises já elaboradas, tendo foco nos seus trajetos e resultados.

A (3) elaboração das categorias foi possível após a leitura completa das obras em consonância com os aportes teóricos que constituem a caracterização do “trabalho docente durante a pandemia”. Esta elaboração é feita a posteriori, ou seja, partindo da leitura completa dos artigos e do referencial que dá sustentação às teorizações acerca das interferências sobre o labor docente durante a pandemia. As 4 categorias são apresentadas a seguir:

(A) Precarização do Trabalho docente; (B) Reinvenção Docente (C) Intensificação do Trabalho Docente na Pandemia; (D) Despreparo Formativo para o Trabalho Remoto.

Estas categorias seguiram perguntas que serviram como critérios para as buscas, recortes e seleção dos excertos, fazendo um agrupamento das ideias:

(A) Precarização do Trabalho docente: Como se constitui o trabalho docente durante a pandemia?

(B) Reinvenção Docente: Quais foram as novas implicações do trabalho docente no contexto emergente da pandemia?

(C) Intensificação do Trabalho Docente na Pandemia: Quais foram as mudanças sofridas no trabalho dos professores durante a pandemia?

(D) Despreparo Formativo para o Trabalho Remoto: Quais as dificuldades geradas para efetivação do trabalho remoto?

Para o (4) agrupamento dos excertos dos textos, criamos uma tabela que contém em seu cabeçalho o nome da categoria, a numeração dos artigos, os excertos (retirados dos textos em formato de citação).

Quadro 2. Amostra de tabela para agrupamento dos excertos. (continua)

Nº	REINVENÇÃO DOCENTE Como se constitui o trabalho docente durante a pandemia?	REFERÊNCIAS
1	Excerto em formato de citação: [...] o contexto de pandemia impôs aos/as professores/as dos diferentes níveis educacionais uma profunda reorganização de suas rotinas de trabalho. A barreira física entre trabalho e vida familiar, no domicílio, deixou de existir e, na maioria das vezes, forçou improvisações diversas ao cotidiano familiar e doméstico para permitir a estrutura mínima necessária às atividades de ensino-aprendizagem. (p.10).	PINHO, et al, 2021

Fonte: os autores (2022)

Que possibilitou o entrecruzamento dos excertos e a análise das produções no corpo do texto nas subseções presentes no trabalho: “Travessia pela pandemia: reinvenções no trabalho docente” e “Entre a precarização e o despreparo: reinventando os caminhos da Educação”

As pesquisas analisadas eram majoritariamente de cunho qualitativo, conduzidas por instrumentos que atendessem a necessidade do momento – serem capazes de coletar de modo não presencial os dados necessários – foram adotadas então pesquisas bibliográficas e questionários na maioria delas.

Destacamos o principal instrumento utilizado:

[...] websurvey, é uma estratégia utilizada desde 1990, mas que passou a ser intensivamente empregada no contexto pandêmico. Tem como vantagens: baixo custo, fácil implementação, facilidade da coleta de dados à distância e tempo curto para aplicação e obtenção dos dados (as planilhas são armazenadas em planilhas eletrônicas geradas automaticamente [...]) (Pinho, et al, 2021, p. 04);

Dentre os principais objetivos empreendidos nos artigos, destacamos duas questões de pesquisa que se acercam do título deste trabalho: a primeira “[...] descrever características do trabalho remoto, situação de saúde mental e qualidade de sono na pandemia da Covid em docentes da Bahia.” (Pinho, et al, 2021, p.1); já a segunda: “[...] verificar a prevalência e fatores associados à insatisfação com o trabalho docente entre professores (as) da rede pública estadual de educação básica do estado de Minas Gerais durante a pandemia da Covid-19”. (Silva; et al., 2021, p. 6117).

Estas problemáticas revelam o interesse dos referidos autores em fazer leituras das mudanças provocadas pelas novas exigências que a pandemia impôs, no que diz respeito às características e a verificação destes fatores para a insatisfação desses profissionais quanto a seus trabalhos.

Os artigos convergem em sua maioria nas discussões conclusivas em algumas questões como: quanto ao trabalho docente no período pandêmico no âmbito de sua reinvenção e intensificação, na sobrecarga de tarefas e horas utilizadas para o desenvolvimento de seus trabalhos e atividades domésticas, também abordam como fator incidente para este cenário o despreparo/falta de habilidades para o desenvolvimento das aulas no ensino remoto; insaturado como meio de prosseguimentos das atividades escolares.

Os autores estabelecem uma relação entre o que foi solicitado/imposto aos professores e seu despreparo. Sem a necessária atenção formativa para os profissionais que foram "capturados entre plataformas e aplicativos que, (...) sugerem que sua formação não serve à ‘nova realidade educacional’” (Barreto, 2021, p. 13). Além da preocupação evidente com a preparação das futuras gerações, que causa um sentimento de alerta para ações de cunho imediato, garantindo o papel da instituição (Pinho, et al., 2021; Martins, Salvador, 2020; Pavitali, Fagiani, 2022).

Para Troitinho, et al., 2021, p. 13 “[...] o trabalho remoto emergencial produziu importantes impactos na saúde mental de professores e professoras da Educação Básica no Brasil.” Para os autores existe a necessidade de atacarmos a precarização do trabalho emergencial para que não continue sendo uma importante fonte de sofrimento psicológico para os docentes” (Troitinho, et al., 2021, p. 13). Souza, et al., (2022, p. 13) destaca nesta mesma linha “o fato de que as mudanças tecnológicas no trabalho docente não surgiram durante a pandemia, mas estão sendo mais fortemente empregadas” esses autores corroboram para a ideia de “transformações estruturais do mundo do trabalho” (Souza, et al, 2022, p. 13). Ainda,

corroborando com as falas de mudanças, alinhadas à perspectiva de impacto negativo direto na rotina de trabalho dos professores, Silva, et al. fazem a indicação de que “as mudanças causadas no sistema educacional provocada pela pandemia da COVID-19, impactou diretamente a rotina do trabalho do(a) professor(a), causando prejuízos aos mesmos e contribuindo para a insatisfação com o trabalho dos(as) professores(as) neste período”.

Além de contarmos com outro fator de agravamento na precarização e intensificação do trabalho dos professores, encontrado no fato de que:

[...] o corpo docente na Educação Básica no Brasil é majoritariamente feminino, o que submete as professoras a ainda maiores e mais intensivos níveis de subordinação e precarização laboral dado que são as mulheres as responsáveis pela maioria das tarefas domésticas e de cuidado da família. (Previtali; Fagiani, 2022, p. 162).

Estes fatores somados ao cenário estabelecido, foram decisivos para ações que apontam e caracterizam as interferências no bem-estar dos professores em seus ofícios, para aprofundar, ainda mais, esta temática somos levados a pensar sobre estes fatores de maneira mais específica.

Ao tratar das vivências durante a pandemia e as reinvenções impostas por ela, a organização e desenvolvimento do trabalho docente; e os impactos, intensificação e precarização no bem-estar sofridas. Buscamos nos textos encontrados nesta pesquisa a caracterização do que significou a partir destas pesquisas a travessia que os profissionais da educação, mais precisamente os professores da Educação Básica vivenciaram.

3 A TRAVESSIA PELA PANDEMIA: REINVENÇÕES NO TRABALHO DOCENTE

As mudanças causadas pela pandemia no âmbito do trabalho docente, são notórias, estas mudanças se caracterizam como uma travessia, carregada de ressignificações e reinvenções constantes por parte desses profissionais que já se reinventam constantemente, mas tiveram que ainda mais depressa fazer esses movimentos a fim de assegurar a garantia da educação a população.

O ensino remoto emergencial estabelecido a partir de 2020, para garantir a efetiva ação formativa da educação escolar, que a partir deste momento já poderíamos dizer que deixava de ser tão escolar, quando nos deparamos com o lugar que servia como sede para sua realização a partir de então; sediada a partir das várias residências de professores e alunos.

Previtali e Fagiani (2022, p.160) corroboram para o fato, localizando o início das atividades e os recursos utilizados para o estabelecimento da educação nesta fase, apontam ainda para questões primordiais como a falta de debate suficiente para a superação da precariedade da educação, situação que se estendia já há muito tempo:

[...] sob a pandemia do Covid-19 e a necessidade do isolamento social, uma nova modalidade de trabalho docente teve início em 18 de março de 2020 na Educação Básica, o ensino remoto emergencial (ERE) por plataformas e aplicativos sem que fosse estabelecido um debate amplo e aprofundado com os profissionais da educação e a comunidade escolar acerca de seu alcance com equidade de condições de acesso, num contexto de aprofundamento da precariedade das condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora.

Os autores evidenciam a precariedade das condições de trabalho, no que diz respeito ao seu aprofundamento, no íntimo sentimento dos professores, tratam de um sentimento motriz, que move as mudanças neste período de maneira expressiva e de certa maneira que corrobora para o surgimento do mal-estar, no que diz respeito a reinvenção e suporte para que isso acontecesse, pois

[...] no contexto pandêmico, os professores foram constrangidos a se reinventar para as aulas virtuais, a partir de seus próprios esforços e recursos, arcando com as despesas financeiras quanto à aquisição de equipamentos e/ou melhorias em sua rede de internet. (Previtali; Fagiani, 2022, p. 161).

Os professores foram forçados a se reinventar, sem nenhum debate profundo sobre aspectos fundamentais para implementação de uma nova modalidade educacional, a despeito da real instrumentalização do fazer docente, ou mesmo desta nova forma de mediar a aprendizagem que tampouco foram traçadas considerações para garantir a qualidade da nova prática que se iniciava, deste ponto de vista de forma prematura e sem os reais esforços dialógicos em forma de debates que poderiam ser realizados.

No que tange a necessidade de fazer, como já supracitado, efetivar a educação o sentimento maior que abrangeu este grupo então continuou sendo o “constrangimento”, e a busca individual por suprir os desafios que se apresentavam constantemente; causando maiores prejuízos às condições de trabalho, que já eram precarizadas. (Previtali; Fagiani, 2022)

O teletrabalho redefiniu muitos aspectos do trabalho docente, entre eles os mais expressivos foram os locais de trabalho, causando maiores jornadas de ocupação, além de ocasionar a intensificação das atividades domésticas, o que é base para impactos na saúde dos professores e professoras. É importante ressaltar que a intensidade maior desses impactos se dá nas vidas das professoras, sendo este gênero a maioria da força de trabalho na Educação Básica, também são elas quem na maioria das vezes tem jornada dobrada casa/escola, que a partir deste momento se realoca: casa/casa. (Previtali; Fagiani, 2022; Troitinho, et al., 2021; Pinho, et al., 2021).

Destacamos ainda a colaboração de Souza, et al., no tocante às novas funções docentes, emergidas neste cenário.

Os autores destacam em suma a mudança significativa nos tempos e espaços que os professores ocuparam para a efetivação do seu trabalho, isso passa pelo que chama de flexibilização de tempo laboral e das novas funções que ainda destacam a qualificação para a operação dos novos espaços que precisaram ocupar.

A improvisação e adaptação do trabalho de professore(a)s em ambientes virtuais atendem ao processo concreto de flexibilização do tempo laboral e de flexibilização das novas funções docentes, principalmente no que diz respeito à qualificação para uso de novas tecnologias e plataformas digitais. (Souza; et al., 2022, p.06).

Houveram sinalizações recorrentes sobre o impacto sofrido pelas professoras em relação aos professores, destacamos esta conciliação de tarefas na transferência de local de trabalho com apontamentos de Silva, et al., (2021, p. 6126), que colabora identificando o labor masculino neste contexto.

Durante a pandemia, devido à transferência da sala de aula para casa, a conciliação das tarefas extra laborais e laborais tornou-se ainda mais desafiadora, o que pode explicar o menor impacto nos professores do sexo masculino em relação à satisfação com o trabalho, uma vez que as atividades domésticas são culturalmente, na maioria das vezes, atribuições das mulheres. Há que se destacar a predominância da população feminina entre os professores, característica majoritária nesse campo em âmbito nacional.

Esta cultura em que a mulher atende os afazeres domésticos para além da sua atuação profissional é uma incidência que deixa clara a sobrecarga intensificada para as professoras em detrimento dessa característica para os professores, como já supracitado a escola estando realocada de certa forma nas casas dos profissionais faz com que haja uma descaracterização do que é trabalho domiciliar e o próprio trabalho docente.

A reorganização do trabalho docente é caracterizada por Pinho, et al. de acordo com o que era tido como necessário, porém eles evidenciam que

[...] o contexto de pandemia impôs aos/as professores/as dos diferentes níveis educacionais uma profunda reorganização de suas rotinas de trabalho. A barreira física entre trabalho e vida familiar, no domicílio, deixou de existir e, na maioria das vezes, forçou improvisações diversas ao cotidiano familiar e doméstico para permitir a estrutura mínima necessária às atividades de ensino-aprendizagem. (2021, p. 10).

Ao reorganizar as rotinas de vida, os professores e professoras, sofreram uma mudança substancial entre o que os separava fisicamente do trabalho e de seu cotidiano, mesmo este processo servindo para a garantir o atendimento mínimo ao trabalho pedagógico imposto neste momento, ou seja, o que aconteceu foi a adaptação não somente física as demandas institucionais, mas também de cunho pessoal, quando as escolas fecharam e passaram a responsabilidade não só de elaboração das atividades, mas de providências quanto aos espaços que sustentam suas práticas.

Previtali; Fagiani, (2022, p. 161), apontam para as intensificações que os professores sofreram no teletrabalho:

[...] o teletrabalho docente na Educação Básica no Brasil tem implicado em mais horas trabalhadas, pois passa a envolver atividades de cunho informacional-digital complexas que fogem à formação profissional. As atividades de organização, planejamento e realização das aulas, bem como o processo avaliativo, que fazem parte do trabalho docente, devem agora ser adequadas ao ambiente virtual. Dentre as novas atividades estão a de planejar as atividades nos apps, acompanhar a presença e a aprendizagem dos/as discentes à distância e orientar as famílias para realizarem atividades com as crianças em casa nos apps.

Esta intensificação no que diz respeito própria jornada de trabalho, além da formação para o atendimento às demandas tecnológicas os professores estiveram à disposição para atendimentos ainda mais invasivos, Santos, et al. destacam que:

O trabalho remoto trouxe também como exigência um novo aprendizado em relação à própria jornada de trabalho, além daqueles relacionados com o uso dos novos equipamentos, modos de ensino, interação com alunos, entre outros. Trata-se da organização da jornada de trabalho, na qual os(as) professores(as) se veem obrigados(as) a trabalhar a qualquer momento, quando demandados(as) pelos(as) alunos(as) ou pela coordenação ou direção da escola, ou ainda quando pretendem planejar as suas aulas. (2022, p.246).

Na mesma direção de sobrecarga outros autores incidem em afirmativas parecidas como é o caso de Souza, et al. que também aponta para o fato da disponibilidade dos professores para atendimento que antes eram realizados de forma presencial, com local e por vezes horários marcados.

Percebe-se que as jornadas entre trabalho e não trabalho não possuem limites claros. Durante a pandemia, professore(a)s respondem e-mails e mensagens de WhatsApp em diversos horários, ficando sempre à disposição da coordenação, dos alunos ou de suas famílias, inclusive, além da carga horária de trabalho contratada. (2022, p. 06).

De fato, a nova organização trouxe uma intensificação que precisa de evidência como nos achados de Previtali; Fagiani, (2022, p. 161):

Essa nova situação tem aumentado a jornada de trabalho e tornado maior a indeterminação entre o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho, implicando na redução de tempo de descanso na jornada de trabalho, gerando estranhamento e adoecimento e contribuído para precarização do trabalho docente.

Souza, et al., (2022, p. 6) corrobora para este fato também:

o fato de professore(a)s sofrerem há muito com a flexibilidade do tempo laboral, a situação se agravou no contexto do trabalho remoto. Interpreta-se que, além de cumprirem horários rígidos por meio de atividades como aulas síncronas, reuniões com a coordenação e encontros virtuais com colegas, os docentes possuem horários flexíveis que intensificam a jornada de trabalho, não havendo diferença entre o tempo de trabalho contratado e o sobretrabalho não pago.

Os mesmos autores destacam a precarização das condições em relação direta com o aumento das horas de trabalho:

Ao mesmo tempo as horas de trabalho aumentam e as condições laborais se tornam ainda mais precarizadas e levam os docentes ao adoecimento, as administrações municipais e estaduais e as escolas particulares, se valendo das novas regras laborais sob a pandemia, impõem redução salarial e encerraram contratos de trabalhos dos docentes. (Previtali; Fagiani, 2022, p.162).

Santos, et al. aponta em sua pesquisa que o isolamento imposto pela pandemia, para outra forma de entendimento, sobre a realocação dos espaços e despreparo dos docentes fez com que eles

[...] ao fazer referência ao desenvolvimento das suas atividades, seja porque foi necessário reinventar o ensino do ponto de vista didático metodológico do formato presencial para o remoto, sem o treinamento adequado – muitos(as) professores(as) observaram tê-lo ‘aprendido’ sozinho(a) –, seja na realização do trabalho sem o convívio com os(as) colegas. (Santos, et al., 2022, p. 246).

À medida em que tecemos as colaborações dos autores se percebe a descaracterização do fazer docente em detrimento da intensificação e da precariedade (estendida há tempo) do labor destes profissionais. Se por um lado temos carga horária estendida, locais domésticos/ familiares invadidos sem nenhum constrangimento, por outro fica fácil notar profissionais constrangidos a buscar meios de executar suas funções de maneira a se reinventar de maneira muito prematura, sem nenhum tipo de auxílio.

4 ENTRE A PRECARIZAÇÃO E O DESPREPARO FORMATIVO: REINVENTANDO OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

Muito do que se viveu durante a pandemia em termos de incumbências pedagógicas recaiu exclusivamente na conta dos professores, por algum motivo seus esforços não foram entendidos pela maioria das pessoas como eficientes para manter a educação de qualidade durante o teletrabalho, mas neste cenário pandêmico é importante destacar a vulnerabilidade e incertezas vividas por eles como dizem Souza, et al., (2022, p.17).

De fato, as zonas de vulnerabilidade e de incerteza foram ampliadas no cenário pandêmico: instabilidade das situações de trabalho, inadequação dos sistemas clássicos de proteção social para dar cobertura à classe trabalhadora e multiplicação de formas de precarização laboral.

A precarização da educação teve alguns agravantes na pandemia que Pinho, et al., (2021, p16) compartilhando das ideias de Souza, 2021 e de Soares, 2020, trazem para a discussão, ainda a transformação sofrida da identidade das atividades de ensinar e sobre o preparo dos profissionais para o manuseio com os recursos tecnológicos.

Soma-se a essa precarização a instituição da solidão e do isolamento, marcada pela falta de convívio e troca de ideias e experiências entre colegas, características do durante a pandemia (Souza, 2021). Além disso, um importante impacto do trabalho *home office* remoto é a alteração da identidade da atividade didática; por exemplo, é comum que professores e professoras nesse contexto pandêmico refiram uma necessidade de adquirir habilidades de edição de vídeos, gerenciamento de redes sociais e produção de conteúdo que não são comumente identificadas como parte do trabalho docente (Soares, 2020).

Ao se instituir uma espécie de solidão laboral, ao mesmo tempo em que se experimentava a necessidade de usar recursos, antes não tão frequentemente utilizados (recursos tecnológicos), se estabelece uma relação difícil, pois os professores estavam acostumados por muito tempo à troca de ideias e redes de apoio que o ambiente de trabalho proporciona, é mais um indicativo que a pandemia altera a vida desses profissionais de forma abrupta e profunda, mudando não somente a forma das aulas, mas a organização substancial do seu trabalho.

Outra incidência são as sobrecargas que precarizam o trabalho docente como fonte de alterações no seu bem-estar, nesse caminho Souza, et al, (2022, p. 10), afirmam que:

A ideia de compatibilizar o trabalho docente com o doméstico coloca como desafio estabelecer limites ao tempo de trabalho no âmbito doméstico, bem como realizar a distribuição equitativa das tarefas domésticas, de modo que as relações afetivas e familiares, vitais em contexto pandêmico, não sejam capturadas e reduzidas ao próprio tempo dedicado ao labor, aumentando a sobrecarga de trabalho feminina.

A mudança na estrutura da carga horária e do lugar de trabalho comumente são associadas às alterações no bem-estar dos professores o que de certa forma deixa evidente que é uma forma de precarização do trabalho docente, uma vez que os professores precisaram se organizar para cumprir as imposições das aulas no ensino remoto e também se reorganizar para não serem “capturados” pelo seu labor em suas residências, como já mencionado, essa implicação se deu, ainda mais, para as mulheres pela cultura já estabelecida há tempos do trabalho doméstico ser na maioria das vezes realizado por elas. Troitinho, et al., (2021, p. 16) ainda destaca essa relação entre labor e tarefas domésticas

[...] os professores, por outro lado, têm de procurar relacionar sua vida profissional com as atribuições familiares e domésticas. Muitos precisam, ainda, auxiliar seus filhos que estão estudando em casa, ao mesmo tempo em que lecionam para outros jovens, causando uma sobrecarga bastante considerável, que só aumenta a tensão causada pela pandemia.

O despreparo docente para atender com a habilidade desejada os recursos tecnológicos a fim de atender as necessidades da nova realidade imposta é um dos pontos que também ganham força nas produções emergentes, é apontada aqui como outra forma de precariedade da educação a falta de formação continuada dos profissionais, também é importante destacar que na pandemia as ferramentas escolhidas

para o trabalho foram determinadas de maneira arbitrária indo de contramão com as habilidades dos próprios professores, Pinho, et al., (2021, p. 11) colabora dizendo que

[...] os aplicativos de videoconferências passaram a ser as novas ferramentas de trabalho, apesar de não terem sido criadas para condução de processos de ensino-aprendizagem. Esses aplicativos estão entre os recursos mais usados para o ensino remoto durante a pandemia. Entretanto, a maior parte dos participantes não se sentiu apta para usar essas ferramentas e relatou que a escola, na maioria das vezes, determinou o dispositivo a ser utilizado, exigindo deles um conjunto de conhecimentos e habilidades completamente novos.

A aptidão para trabalhar de forma remota com as ferramentas tecnológicas e a escolha delas para esse trabalho foram um dos problemas que os professores enfrentam no cerne de seus afazeres pedagógicos, neste cenário. A formação para o trabalho não caminhava concomitantemente com o exercício, ou seja, havia exigências para que os professores dessem conta das ferramentas tecnológicas usadas, sem tempo hábil para o desenvolvimento de saberes sobre elas por parte desses profissionais. Corrobora este fato:

A aquisição do conhecimento técnico no uso dos aparelhos e softwares, no trabalho remoto, foi uma experiência bastante difícil para os(as) professores(as), pelo tempo curto e a forma abrupta que eles tiveram para adquiri-la, na medida em que a conversão das aulas presenciais para o ensino remoto não foi gradual. (Santos, et al., 2022, p. 246).

Os autores Santos, et al., (2022, p. 246) ainda apontam o fato da falta de capacitação para a utilização dos recursos, afirmando que “a ausência de capacitação para utilizar os recursos disponíveis e viáveis ao trabalho remoto também fez com que a aprendizagem desses processos fosse mais lenta e ainda insuficiente para potencializar as atividades de trabalho”.

Silva, et al., (2021, p. 6126), pontua a formação permanente sendo uma maneira de garantir maior satisfação, pois “[...] entende-se que a formação permanente é elemento necessário para a atividade docente, conferindo maior grau de capacitação, o que poderia repercutir nos níveis de satisfação com o trabalho”. Agindo como forma de enfrentar as possíveis interferências no bem-estar docente no âmbito da capacidade/habilidade para o manuseio das ferramentas tecnológicas, neste caso em específico.

O que não aconteceu, pois segundo Souza, et al., (2022, p. 2):

[...] trata-se de mudanças e adaptações requeridas pelo contexto de pandemia, que exigem um movimento de formação permanente; no entanto, na maioria absoluta dos casos, professor(a)s contaram exclusivamente com a própria experiência e prática docente. A pandemia trouxe desafios para a prática pedagógica que exigiram do(a)s professor(a)s não apenas ressignificar os processos de aprendizagem dos discentes, no tocante aos aspectos físicos, emocionais e sociais emergentes com a crise sanitária, mas também ordenar uma nova relação com o próprio processo de trabalho.

Fica claro o descortinamento da precarização, para a caminhada que representa o ensino remoto, ainda houve uma intensificação dos fatores de interferências no seu bem-estar, a relocação descaracteriza

as ações pedagógicas ao mesmo tempo em que a utilização das ferramentas tecnológicas intensifica o trabalho docente, ainda mais em contexto de isolamento social. A mesma tecnologia que possibilitou o trabalho docente excepcional em ambiente virtual é a que frustra o seu desenvolvimento. (SOUZA, et al., 2022, p. 8).

Se há muito tempo os caminhos docentes foram precarizados a partir deste cenário se torna explícita a necessidade de tornar maior as discussões acerca do fazer docente, tão mais intensificado e comprometido. O despreparo dos profissionais, apontado por diversas vezes, é outro fator de atenção, como forma de enfrentamento dos fatores de mal-estar docente, e até mesmo adoecimento.

Os textos presentes neste trabalho caracterizam teorizações acerca do caminho que professores e professoras da Educação Básica enfrentaram durante a realização de seus trabalhos remotos. Partem de análises carregadas de vivências e reflexões sobre o contexto da escola, suas ações e esforços para que a educação fosse garantida durante o contexto pandêmico. Por mais difícil que pareça essa travessia vivida por estes profissionais, por conta das prescrições, intensificações e demais precarizações que foram se apresentando ao longo do trajeto; se torna evidente a necessidade de afirmar a necessidade políticas públicas que deem as condições para o trabalho docente de forma dialógica, respeitosa, ainda mais, a garantia da participação efetiva de quem faz o labor/ quem pratica, neste caso, a educação diretamente no seu *locus*; a escola.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto podemos considerar a bruta ruptura com os espaços, ferramentas de trabalho, isolamento e demais fatores que os professores e mais ainda as professoras sofreram, tais fatores que alteram o bem-estar docente, frente a responsabilidade que assumiram sem muitas das vezes serem consultados, ou levados em conta.

A intensificação da carga horária de trabalho e a descaracterização do labor docente fica recorrente nos textos revisados, além da dificuldade em não se deixar capturar pelo trabalho e deixar sua vida pessoal de lado. Da precarização neste cenário podemos destacar a falta de ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento das práticas, ou mesmo, a falta de formação contínua que possibilitasse o desenvolvimento de habilidades mínimas para a efetivação da educação neste panorama. Sendo prescritas formas que no momento vivenciado não eram possíveis de serem atendidas com a excelência que merecia, justamente pela falta de capacitação, e apoio, pois o isolamento proporcionou uma grande ruptura da cultura de troca de ideias comumente usada pelos professores, informalmente.

Entendemos a partir das análises realizadas até aqui que professores e professoras da Educação Básica, buscaram de várias formas a reorganização de suas ações, realizando uma verdadeira travessia de reinvenção sobre sua prática ultrapassando todas as dificuldades que se apresentaram, utilizando muitas

vezes suas criatividade e improvisos, além de terem suas cargas horárias intensificadas e misturas com suas rotinas de vida a vida; preocupados e comprometidos com sua excelência, tiveram muitos fatores de alteração no bem-estar. Destacamos, mais uma vez, a partir dos textos a realocação de suas práticas, o despreparo, a sobrecarga e a descaracterização dos seus labores.

Os textos referidos nesta revisão de literatura caracterizam teorizações acerca do caminho que professores e professoras da Educação Básica enfrentaram durante a realização de seus trabalhos remotos. Partem de análises carregadas de vivências e reflexões sobre o contexto da escola, suas ações e esforços para que a educação fosse garantida durante o contexto pandêmico. Por mais difícil que pareça essa travessia vivida por estes profissionais, por conta das prescrições, intensificações e demais precarizações que foram se apresentando ao longo do trajeto; se torna evidente a necessidade de afirmar a necessidade políticas públicas que deem as condições para o trabalho docente de forma dialógica, respeitosa, ainda mais, a garantia da participação efetiva de quem faz o labor/ quem pratica, neste caso, a educação diretamente no seu *locus*; a escola.

Diante do exposto podemos considerar a ruptura com os espaços, ferramentas de trabalho, isolamento e demais fatores que os professores e mais ainda as professoras sofreram, como apontamentos para fatores que alteram o bem-estar docente, frente a responsabilidade que assumiram sem muitas das vezes serem consultados, ou levados em conta.

A intensificação da carga horária de trabalho e a descaracterização do labor docente fica recorrente nos textos revisados, além da dificuldade em não se deixar capturar pelo trabalho e deixar sua vida pessoal de lado. Da precarização neste cenário podemos destacar a falta de ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento das práticas, ou mesmo, a falta de formação contínua que possibilitasse o desenvolvimento de habilidades mínimas para a efetivação da educação neste panorama. Sendo prescritas formas que no momento vivenciado não eram possíveis de serem atendidas com a excelência que merecia, justamente pela falta de capacitação, e apoio, pois o isolamento proporcionou uma grande ruptura da cultura de troca de ideias comumente usada pelos professores, informalmente.

Concluimos, contudo que professores e professoras da Educação Básica, buscaram de várias formas a reorganização de suas ações, realizando uma verdadeira travessia de reinvenção sobre sua prática ultrapassando todas as dificuldades que se apresentaram, utilizando muitas vezes suas criatividade e improvisos, além de terem suas cargas horárias intensificadas e misturas com suas rotinas de vida a vida; preocupados e comprometidos com sua excelência, tiveram muitos fatores de alteração no bem-estar. Destacamos, mais uma vez, a partir dos textos a realocação de suas práticas, o despreparo, a sobrecarga e a descaracterização dos seus labores.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, 2018.

SILVA, M. A. da. Os contrapontos da produção acadêmica na emergência da pesquisa qualitativa. *Educativa*, v. 12, p. 163-170, 2009.

A Devastação do trabalho : a classe do labor na crise da pandemia / organização Dalila Andrade Oliveira, Marcio Pochmann. -- 1. ed. -- Brasília : Gráfica e Editora Positiva : CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo/ L'Analyse de Contenu**. trad. Luís Antero e Augusto Pinheiro. Presses Universitaires de France, EDIÇÕES 70, LDA, 1977.

BARRETO. **A escola entre os embates na pandemia**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e243136, 2021.

CALDERARI, Egon Bianchini; VIANNA, Fernando Ressetti Pinheiro Marques; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **PROFESSORES O TEMPO TODO: UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES MATERIAIS, FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DE DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19**. READ | Porto Alegre – Vol. 28 – N.º 2 – Maio / Agosto 2022 – p. 487 - 524.

GAMA, Maria Eliza Rosa . **O trabalho docente em uma escola pública de educação básica: entre a complexidade e a simplificação/** Maria Eliza Rosa Gama, Eduardo Adolfo Terrazan. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2015.

MARTINS, Neusa H.S.P.; SALVADOR, Daniel F.; LUZ, Mauricio R.M.P. **O mal-estar docente nas discussões sobre ensino nutrição**: falas de professoras da educação básica em fóruns virtuais. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020, e00286118. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00286

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. O “mal-estar” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**. vol 07, p. 27-41. 2006.

Nóvoa, António. **Escolas e professores proteger, valorizar/** António Nóvoa, colaboração Yara Alvim. - Salvador: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. O “mal-estar” como fenômeno da modalidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**. 2006; vol 07: 27-41. 31/mar/2006.

PINHO, Paloma S. et al. **Trabalho remoto docente e saúde**: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, 2021, e00325157. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00325.

PREVITALI; FAGIANI. **Trabalho docente na educação básica no Brasil sob Indústria 4.0**. R. Katál., Florianópolis, v.25, n. 1, p. 156-165, jan./abr. 2022 ISSN 1982-0259.

SANTOS, et al. **Comunidade ampliada de pesquisa em ambiente virtual (CAP on-line) sobre trabalho e saúde docente**. SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 46, N. 132, P. 240-251, JAN-MAR 2022.

SILVA; et al., 202. **Pandemia da COVID-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil**. TEMAS LIVRES. Ciênc. saúde coletiva 26 (12). Dez 2021.

Souza KR, Santos GB, Rodrigues AMS, Felix EG, Gomes L. **Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde**. Interface (Botucatu). 2022; 26: e210318.
<https://doi.org/10.1590/interface.210318>

TROITINHO, Maria C. R. et al. **Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da COVID-19**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 19, 2021, e00331162. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00331.